

A nota de cem escudos

Adérito Silveira



Nos anos 50 vivia-se ainda sob o efeito da 2ª Grande Guerra Mundial. O mundo buscava uma nova ordem social. Na barriga dos pobres soava o clarim da “larica”.

Em Portugal o tempo continuava a correr devagar. E nos olhares semeavam-se lágrimas de esperança. Mas a paz por cá tinha os anos contados porque a guerra do ultramar estava para chegar e o silvo dos ventos prenunciava já a aspereza da carne para canhão dos nossos militares.

Em Mateus a Banda de Mateus continuava, contudo, na senda da glória. Os atributos da sua música chegavam a toda a região transmontana. As raparigas da aldeia expressavam no bambolear das ancas e na alegria das cantigas a força da sua vivacidade...e as suas vozes não se deixavam modelar ao compasso do tempo e isso era demonstrado nas comédias da terra em que as raparigas tinham um papel pioneiro, revestido de graciosidade e arte quando actuavam em palco. Assim, a aldeia deixava-se enfeitiçar pelo melhor palco da vida desenhada para os jovens que queriam seguir a arte musical glosando a sua estética.

Em finais dos anos 50 o Sol de Agosto escaldava e os dias pareciam não ter fim. Quem trabalhava nos campos quase morria de cansaço vincando-se no rosto traços de desalento. A música em Mateus impunha-se ao ritmo da vida criando deleites a toda a população.

Havia pouco dinheiro para gastar. A comida não abundava nas casas. Os músicos viviam na penúria arrastada, espelhada nos rostos em sinais de sofrimento. As notas quase não circulavam nas mãos de quem trabalhava a terra e a maioria dos músicos vivia dessa subsistência. Eles gostavam das viagens para longe, porque quanto mais longe e mais para norte melhor era a hospitalidade.

Num domingo desse tal mês de Agosto a viagem para Sonim era feita de estradas sinuosas e poeirentas, mas a camioneta estava habituada a grandes desafios e não se deixava intimidar. Essa viagem oferecia imagens poéticas e rústicas que tantos sabiam aproveitar.



Região de Valpaços

A região de Valpaços era por excelência um mundo onde as bandas filarmónicas eram acarinhadas e recebidas como colectividades de verdadeira cultura. Nessa festa em Sonim a banda tocou para lá das 4 horas da madrugada. Serviço árduo pela inclemência do sol escaldante. Contudo, a prestação da banda, ao que se sabe, foi gloriosa perdurando na memória dos habitantes por muitos anos.

No final do serviço, os mordomos abordaram o Joaquim do Pinto, director da banda, para efectuarem o pagamento. Cem escudos era o preço combinado. A entrega foi feita num nota nova, bonita e fulgurante. O Pinto pegou nela exibindo-a para que todos a pudessem ver. Um a um rodearam-no e quiseram tocar-lhe ou mesmo pegar naquela folha dourada, pois, muitos nunca tinham visto tal papel e outros muito menos pegar-lhe. Houve até um

músico de mais idade que se recusou pegar na nota, porque, dizia, tinha medo que ela lhe queimasse as mãos. Ao dizê-lo, os colegas riram de galhofa e encorajaram-no dando-lhe força para pegar no troféu. E assim foi: respirou fundo, estendeu timidamente uma mão conseguindo a proeza. Ao mesmo tempo que o fez desabafou consolado: "a minha patroa nem vai acreditar quando lhe disser o que eu fui capaz de fazer..."

Quando o disse, endireitou-se e ergueu os olhos para os céus, enquanto esboçava um sorriso vendo-se os dentes pretos e ralos e a cara queimada e retalhada pela vida que lhe foi sempre madrasta.

Por alguns momentos, o músico pensou que o mundo não é feito só de misérias e trabalho mal pago mas sentiu que também há alegrias e que é preciso saber encontra-las.